Aula

3

A LITERATURA BRASILEIRA REALISTA-NATURALISTA:

AUTORES E OBRAS

META

Fazer um breve panorama da literatura brasileira realista-naturalista produzida na segunda metade do século XIX e dos seus autores.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

situar a temática e o estilo da obra realista-naturalista de Machado de Assis, Raul Pompéia, aluísio Azevedo, Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio e Inglês de Souza, por meio do estudo do texto;

explicitar a contribuição dessa nova forma literária para a constituição do cânone literário brasileiro, por meio da produção de um pequeno texto.

PRÉ-REQUISITOS

Releitura das aulas 1 e 2

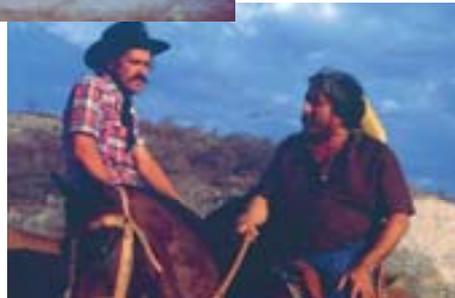
Leitura de textos literários dos autores realistas-naturalistas brasileiros disponíveis no site www.bibvirt.org.br

Legenda: Da esquerda para a direita: Machado de Assis, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo, Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio e Inglês de Souza.

(Fontes: 1 - http://img.listal.com; 2 e 4 - http://2.bp.blogspot.com; 3 - http://educaterra.terra.com.br; 5 - http://www.grupoescolar.com; 6 - http://maurafraga.blogspot.com)

INTRODUÇÃO

No Brasil o Realismo-Naturalismo produziu obras valiosas para a compreensão da realidade histórico-cultural e para a constituição do cânone literário nacional. Algumas delas tornaram-se conhecidas, amadas e famosas; outras ainda precisam ocupar seu espaço na preferência do leitor, que quase sempre tem a sua formação em leitura conduzida pela escola, que procura acertar o passo com o sistema político-cultural, que determina a política educacional e os componentes do cânone literário que 'merecem' ser realçados no processo de seleção das obras.

Principalmente são relegadas ao esquecimento algumas obras que adotaram os princípios do Naturalismo determinista. Elas mostram os problemas gerados pelo sistema capitalista vigentes até hoje. São as desigualdades sociais, miséria econômica e moral, hipocrisia, fome, crise de valores. Essas obras revelam os problemas, mas não "apontam" para uma discussão política deles. Não estabelecem o debate criativo e necessário para a saída dos problemas. Mesmo porque esses escritores quando não pertenciam à classe dominante (burguesia urbana ou agrária) por origem, faziam parte dela por opção, isto é, por desejo de a ela pertencer, e usufruir de seus privilégios.

Cenas do filme Luzia Homem, dirigido por Fábio Barreto (1984).
(Fonte: http://www.meucinemabrasileiro.com)

AUTORES E OBRAS DO REALISMO-NATURALISMO

No Brasil, o Realismo-Naturalismo produziu obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis; *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo; *O Coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1888) de Inglês de Sousa; *O Ateneu* (1888) de **Raul Pompéia**; *A Normalista* (1893), *O Bom-Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha; Luzia-Homem (publicado em 1903) de Domingos Olímpio; *Dona Guidinha do Poço* (publicado somente em 1952) de Manuel de Oliveira Paiva; *A Carne* (1888) de Júlio Ribeiro.

Vamos iniciar uma breve apresentação das obras do Realismo-Naturalismo e de seus respectivos autores, através de fragmentos de textos.

Raul Pompeia
Nasceu em Jacuecanga, província do Rio de Janeiro, Estudou no Colégio Pedro II, formado em direito pela Faculdade de direito do recife, político, jornalista e escritor. Amigo de Floriano Peixoto. Foi diretor da biblioteca Nacional. Estreou na literatura com a obra *Uma Tragédia No Amazonas*-1880. E 1888, publicou *O Atheneu. As canções sem metro, obra póstuma.*

Texto 1

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho o que fazer; e, realmente, expandir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro enfadonho cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como ébrios, guinam à direita e à esquerda andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... E caem! - Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca pra rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis-*Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Como você pode ver, a linguagem do texto fala dela mesma. É a **metalinguagem**: a literatura (o texto) fala do processo de criação da obra, da técnica de narrar; do estilo entrecortado por interferência do narrador para envolver o leitor e mantê-lo interessado no assunto.

Meta-linguagem
Linguagem de que nos valemos para explicação da própria linguagem.

Da obra *Dom Casmurro* é o texto que segue, em que já se pode ver a antecipação do poder que este olhar exerce sobre o espírito da personagem Bentinho.

Texto 2

Olhos de ressaca

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve porém, no qual

não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram 10 horas da manhã. Dona Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

- Está na sala penteando o cabelo- disse-me -; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas o pé ou o espelho traiu-me. Estepode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comparado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares e só lhe houve essa pergunta:

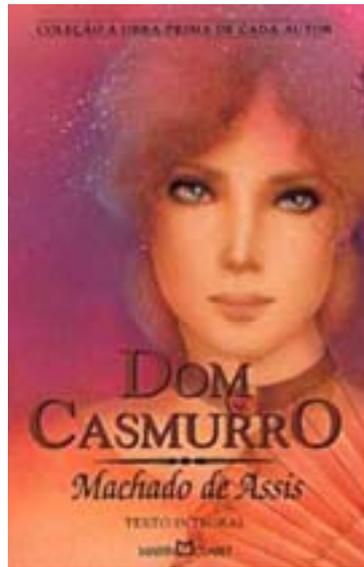
- Há alguma coisa?
- Não há nada – respondi-; vim ver você antes que o padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?
- Eu, bem. José dias ainda não falou?
- Parece que não.
- Mas então quando fala?

Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...

- Que tem, tem – interrompeu Capitu. – E, se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias pode influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Ele é atendido; se porém... É um inferno isto! Você teime com ele Bentinho.
- Teimo; hoje mesmo ele há de falar.
- Você jura?
- Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana obliqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podia me chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei de extraordinário, a cor a doçura eram minhas conhecidas a demora da contemplação creio que deu outra idéia do meu intento; imaginou que era pretexto para mira-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isso atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

(ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2 ed. São Paulo: Ediouro. 2000.p. 86-87)

Esta expressão literária traz uma nova forma de ver a realidade: é uma forma direta, objetiva, racional e realista. Diferentemente da literatura romântica, fundada na idealização da realidade, a literatura realista prefere a realidade concreta, como se costuma dizer: “nua e crua”, no modo como ela se apresenta no momento presente.

Capa de Dom Casmurro

Texto 3

A obra *O Ateneu*, enfoca a experiência de um menino num internato no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Abriam-se as aulas a 15 de fevereiro.

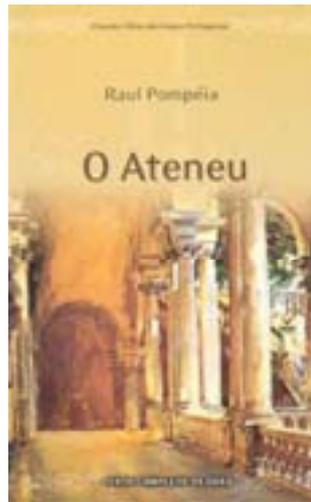
De manhã, à hora regulamentar, compareci. O diretor, no escritório do estabelecimento, ocupava uma cadeira rotativa junto à mesa de trabalho. Sobre a mesa, um grande livro abria-se em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas.

Soldavam-se nele o educador e o empresário com uma perfeição rigorosa de acordo, dois da mesma medalha: opostos, mas justapostos.

Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. Decepção talvez de estatística; o número mero de estudantes novos não compensando o número de perdidos, as novas entradas não contrabalanceando as despesas do fim de ano. Mas a sombra de despeito apagou-se logo, como o resto de túnica que apenas tarda a sumir-se numa mutação à vista; e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu.

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria da recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseada na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada

no jeito da mão beijar. Saia indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.

Por diversas causas a minha recepção devia ser das melhores. Efetivamente; Aristarco levantou-se ao nosso encontro e nos conduziu à sala especial das visitas.
(POMPÉIA, Raul. **O Ateneu.** São Paulo: Ática, s.d. p. 18-19)

Capa de O Ateneu

Já sabemos que *O Ateneu* é um romance memorialista; o narrador conta suas memórias do tempo de estudante no internato, vemos que o narrador adulto desenvolve a narrativa em uma profunda visão crítica daquela realidade, do ambiente e das condições educacionais que vivenciou.

Agora vamos nos situar no Nordeste brasileiro. De lá nos chega a obra *Luzia-Homem*, um romance de linguagem dura, ríspida e forte como a expressão da vida difícil, pobre e seca. Aí vemos a mulher lutando em pé de igualdade com o homem na busca de sobrevivência. O texto nos mostra uma jovem agredida brutalmente por quem tinha o dever de protegê-la e o seu esforço para se livrar do ultraje.

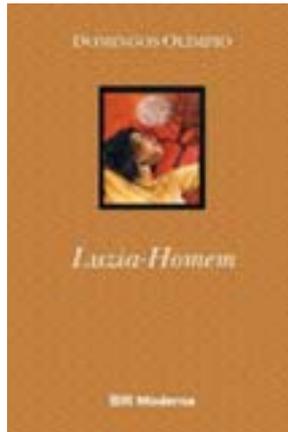
Texto 4

Aproveitando um movimento da rapariga para compor o traje, Crapiúna ergueu-se, e recuou de salto. Arquejava de cansaço e da boca lhe borbulhejava sangrenta espuma. Os olhos, injetados, fulgiam de volúpia brutal, louca, fincando-se desvairados em Luzia, desgrenhada, o seio nu e as pernas esculturais a surgirem pelos rasgões das saias caídas em farrapos.

Ébrio de luxúria, exasperado pela invocação de Alexandre, o monstro,

recobrando o alento, acometeu-a, rugindo.

Luzia conchegou o peito às vestes dilaceradas, e, com a destra, tentou garrotear o pescoço; mas sentiu-se presa pelos cabelos e conchegada ao soldado que, em convulsão horrenda, delirante, a ultrajava com uma voracidade comburente de beijos. Súbito, ela lhe cravou as unhas no rosto para evitar o contato afrontoso."

(OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-homem**, São Paulo: Ed. Ática, 1973.)

Luzia-Homem

A leitura que faremos a seguir é de um texto pertencente a uma das mais significativas obras do Realismo-Naturalismo brasileiro – *O Cortiço*. O texto apresenta uma característica marcante do estilo na temática que enfoca o coletivo, o grupo social, e não individual. A descrição do ambiente é tão objetiva e clara que chegamos a ouvir os sons do alvoroço das vozes e a ver a movimentação do ambiente.

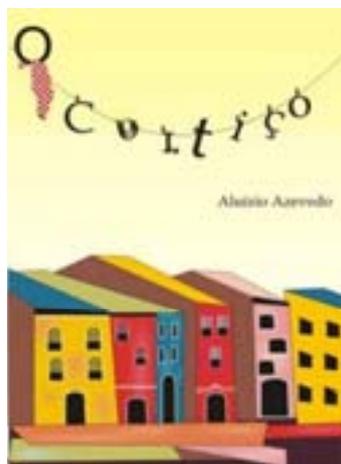
Texto 5

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guida aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada que ficara de véspera nos coradouros umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, nas portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda parte; começavam as xícaras tilintar o cheiro forte do café aquecia,

suplantando todos os outros; trocava-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas a noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumo que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que se altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saiam mulheres que vinham dependurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio e os louros a semelhança dos donos cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.
(AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço.** 9 ed. São Paulo: Ática, 1970. p. 28-29).

Capa de O cortiço

O texto abaixo nos descortina um ambiente hostil ao homem que passa a vida em busca de um lugar propício a sua sobrevivência, por isso ele faz romarias e rumarias pelo sertão áspero e seco.

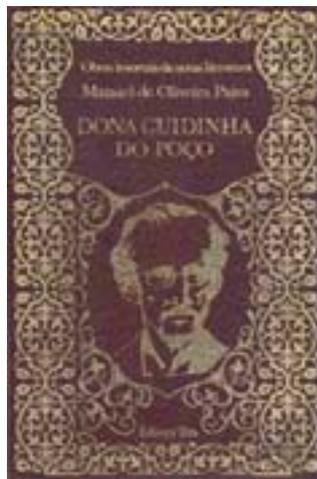
Texto 6

Entrou março, novenas de São José.

O calor subira despropositadamente. A roupa vinha da lavadeira grudada de sabão. A gente bebia água de todas as cores; era antes uma mistura de não sei que sais ou não sei de quê o vento era quente como a cocha nua dos serrotes. A paisagem tinha um aspecto de pêlo de leão, no confuso da galharia despida e empoeirada, a perder de vista sobre as ondulações ásperas de um chão negro de detritos vegetais tostados pela morte e pelo ardor da atmosfera.

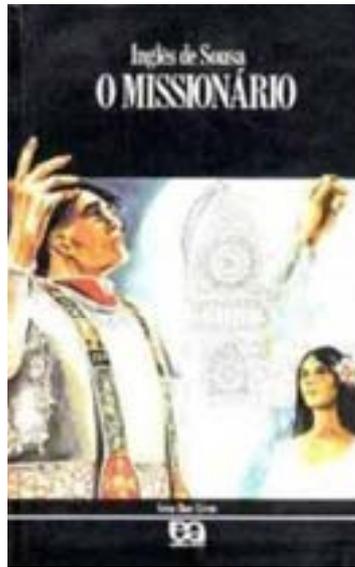
O pobre emigrava com as aves, que vivem ambos do suor do dia, eram pelas estradas e pelos ranchos aquelas romarias, cargas de meninos, um pai

com o filho às costas, mães com os pequenos a ganirem no bico dos peitos chuchados – tudo pó, tudo boca sumida e olhos grelados, fala tênue, e de vez em quando a cabra, a derradeira cabeça do rebanho, puxada pela corda, a berrar pelos cabritos (Cap. I).
(PAIVA, Manuel de Oliveira. Dona Guidinha do Poço. Transcrito do **livro História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 196.)

O trecho da obra mostra a difícil relação do homem com o seu meio. A descrição do ambiente é feita numa linguagem áspera exprimindo a escassez de água, de alimento e de conforto, e o excesso de fome, sede e sofrimento. A abordagem dos problemas da vida real é feita de forma direta e simples.

Capa de Dona Guidinha do Poço

O texto que veremos agora faz parte da obra O Missionário em que a personagem Padre Antônio Morais experimenta sua vocação e a força de sua fé, em contato com a realidade da catequese na Amazônia.

Texto 7

[...] em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Morais viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra [...]. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... Vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública [...] devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e a depravação...
(INGLÊS DE SOUSA. **O missionário**. São Paulo: Ática. 1972.)

O Missionário

O fragmento que segue é da obra O Bom-Crioulo, obra pouco lida por abordar o tema do homossexualismo – condenado pela hipócrita sociedade da época.

Texto 8

Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado.

Um sujeito parou defronte, a olhá-los; vieram depois outras pessoas, outros curiosos; um marinheiro da Capitania, um italiano carregado de flandres, um guarda municipal, crianças, mulheres...

Houve logo um fecha-fecha, um tumulto, um alvoroço. Trilaram apitos; vozes gritavam — rolo! rolo! e a multidão crescia no meio da rua, procurando lugar, empurrando, abrindo caminho, precipitando-se, formando um grande círculo de gentes ao redor dos dois marinheiros, invisíveis agora.

Os bondes paravam. Senhoras vinham à janela, compondo os cabelos, numa ânsia de novidade. Latiam cães. Um movimento cheio de rumores, uma balbúrdia! Circulavam boatos aterradores, notícias vagas, incompletas. Inventavam-se histórias de assassinato, de cabeça quebrada, de sangue. Cada olhar, cada fisionomia era uma interrogação. Chegavam soldados, marinheiros, policiais. Fechavam-se portas com estrondo.

Alguma cousa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo.

— Abre! abre! diziam soldados erguendo o rifle.

De cima, das casas, mãos apontavam pra baixo. E D. Carolina também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensangüentado...

— Jesus! Meu Deus!

Uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel.
Muitas vistas dirigiam-se para o sobradinho.
Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul escuro da camisa e a calça branca tinha grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caiam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados.
A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia!
Ninguém se importava com o "o outro", com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam "ver o cadáver", analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...
Mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém.
(CAMINHA, Adolfo. O bom-crioulo. São Paulo: Ática. 1995. p. 105-106.)

ATIVIDADES

1. Os escritores realistas-naturalistas pretendiam escrever obras engajadas, isto é, comprometidas com a transformação da realidade injusta e opressora. Releia os textos apresentados na aula e identifique as características realistas-naturalistas em cada um e analise (comente) fazendo a relação entre as características do texto e o estilo estudado.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para facilitar seu estudo, examine:
a) A temática
b) A linguagem
c) A estrutura (personagem, ações, espaço, ambiente, narrador...)

- Lembre-se de que o estilo realista-naturalista está interessado nos problemas da sociedade e do individuo; que ele tem uma técnica especial de narrar e descrever, para expressar de forma mais concreta a realidade, e que a crítica é forma de denúncia e instrumento para provocar a transformação das condições sociais.
- Lembre que Machado de Assis não aderiu ao naturalismo, chegando até a ironizá-lo em alguns casos.
- Lembre que Raul Pompéia produziu um romance com características especiais: tem influência do realismo, do naturalismo e até do romantismo. Mas observe seu estilo específico que não se confunde com nenhum dos três estilos.

2. Observe as marcas realistas-naturalistas fortemente presentes nos demais autores. Escolha um livro (da relação que segue) para fazer uma leitura crítica, observando a obra e o estilo literário.

Aluísio Azevedo:
- *O Mulato*-1881
- *O Cortiço*-1890
- *Casa de Pensão*-1884
Inglês de Sousa:
- *O Missionário* -1888: expõe aspecto da evolução moral de sacerdote na selva amazônica.
- *O Coronel Sangrado* – 1877
Adolfo Caminha:
- *A Normalista*-1893
- *O Bom Crioulo* – 1895
Domingos Olímpio
- *Luzia-Homem* -1903
- *A Fome*- 1890

Julio Ribeiro:
- A Carne – 1888

Manuel Oliveira Paiva
- *Dona Guidinha do Poço*. Escrito em 1891 e publicado postumamente em 1952.
Machado de Assis
- *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – 1881
- *Dom Casmurro* - 1899
- *Quincas Borba* – 1891
- *Esaú e Jacó* – 1904
- *Memorial de Aires* – 1908
Raúl Pompéia
- *Ateneu* – 1888.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Todos os autores com exceção de Machado de Assis são considerados naturalistas e suas obras apresentam variados traços desse estilo, expressos na linguagem e na temática.

CONCLUSÃO

A atitude de reconhecer, analisar e por vezes denunciar já era uma importante marca de mudança, ainda precária, porque não contemplava o foco dos problemas: trabalhadores, pobres, oprimidos, que não tinham acesso às obras literárias. Responsável por esse "engajamento" foi a corrente naturalista, empenhada no melhoramento da sociedade e acreditando que uma República liberal seria a solução. No entanto o liberalismo já compunha o programa da monarquia, com "ótimas" soluções para o grupo que detinha o poder econômico e político.

Se as obras abordam temas mais problemáticos como miséria, decepções, violência, problemas de sexualidade e prostituição são evitados, porque essas questões revelam uma sociedade de privilégios e injustiças sociais, em que os pobres e miseráveis pagam o conforto e o luxo dos ricos e dono do poder.

RESUMO

Vimos exemplos de obras que assumiram o compromisso com a denúncia das injustiças e misérias humanas e obras que se concentraram na crítica irônica e com algum humor por ,meio da análise de personagem, do indivíduo, diferente daquelas outras que abraçaram o coletivo e seus problemas. Era o que naquele momento aqueles escritores podiam fazer, com a formação que tinham e no seu momento histórico.

Boa parte das obras que compõem o cânone literário brasileiro foram produzidas no estilo realista-naturalista (segunda metade do século XIX); são importantes para o cânone, mas nem sempre são lidas e conhecidas pela sociedade brasileira. Com baixa experiência em leitura, a maioria das pessoas somente conhecem estas obras quando chega à escola, quando têm a sorte de encontrar um professor de português amante da literatura.

A literatura chamada naturalista se interessou pelos problemas coletivos da sociedade, mas um escritor da importância de Machado de Assis, para o cânone literário brasileiro, concentrou-se apenas na análise da personagem, observando-a como fruto do sistema, talvez sua vítima. Disfarça sua adesão ao sistema monárquico pelo recurso estilístico do humor e da ironia. Seu leitor também reconhece os problemas, mas não consegue articular uma grande indignação contra eles.

PRÓXIMA AULA

Estudaremos o tema Machado de Assis e o Realismo brasileiro, quando faremos uma breve leitura crítica da obra através de textos. É mais uma oportunidade para você melhorar sua prática de leitura literária e de ficar mais perto dessa obra tão significativa para a literatura e a cultura do nosso país.

AUTOAVALIAÇÃO

Experimente perguntar e responder a si mesmo (a):
- Reconheço as marcas estilísticas dominantes em cada texto?
- Consigo explicitá-las claramente na minha explicação?
- Deixo clara, no texto que produzi, a contribuição dessas obras para a formação do cânone literário brasileiro?
- Qual é esta contribuição?

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2 ed São Paulo: Ediouro. 2000.
ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1997.
AZEVEDO, Aloísio. **O cortiço**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1970.
BOSI, Alfredo. H**istória concisa da literatura brasileira**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 1980. 2004. CAMINHA, Adolfo. **O bom-crioulo**. São Paulo: Ática, 1995.
CHALHUB, Samira. **A meta-linguagem**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.
COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (dir). **A literatura no Brasil**. Vol. 4. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de Linguística**. 2 ed. Rio de Janeiro: INL, 1981.
OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-homem**. São Paulo: Ática, 1973.
PAIVA, Manuel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Editora Saraiva, 1952.
INGLES DE SOUZA, **O missionário**. São Paulo: Ática, 1972.